

TROCAS

Thais Graciotti

RESUMO

Palavras-chave: corpo – memória – subjetividade

A pesquisa tem como proposta tratar a transitoriedade e a fragilidade dos corpos no contemporâneo através da experiência da TROCA.

Num transitar por entre universos que se materializam através de sensações visíveis, a troca é sugerida como ação através de vídeos, imagens, escrita, conversas, etc, criando relações entre a reinvenção de identidades e a roupa, forma de expressão desse conjunto de experiências que o indivíduo tem vivido na contemporaneidade.

TROCAS busca um repensar sobre a roupa como meio de expressão e experimentação, intensificando através da imagem, da escrita e da performance a idéia de passagem.

TROCAS

Thais Graciotti

“Oi, tudo bem?

O trabalho é sobre trocas.

Assim, assim. Pode ser?

Ok, fiquem parados ali e comecem.

Começamos.”¹

Em um dia frio, em meio a uma arquitetura de canto e quina, o branco e o cinza tomam conta do ar, um por entre prédios e pôr-do-sol. Lugar frágil, um estar frágil.

Num estado de transitoriedade, o encontro. Pessoas vão surgindo na paisagem vertiginosa, amigos de amigos, conhecidos. Sutilmente a intimidade toma conta. Mesmo fragilizados mergulham na troca de corpo inteiro, assim como eu buscando novas conexões.

Proponho o trocar como um meio de comunicar singularidades diárias, onde a roupa aparece desconstruída e reconstruída tornando-a fluxo de estados sensíveis, abrindo um mundo de possíveis.

¹ Luiza Moraes, participante da vídeo-performance Trocas. Assim como ela todos que participaram da performance continuaram a “troca” através da escrita. Incorporo a fala de todos ao meu texto, pois o trabalho continua também aqui, como uma escrita-troca.

A conversa silenciosa entre os corpos torna-se filtro para um desdobramento de percepções. O tecido é sonoro e ecoa com o movimento dos volumes promovendo a dissolução desse contorno e da ausência de um corpo que não será mais o mesmo.

O tempo aqui não é um só, são vários, vai e volta, é multiplicidade pura que se evapora a todo instante.

Territórios se desterritorializam para se reterritorializarem, tornam-se híbridos entre velocidades e lentidões. A pele torna-se permeável e as roupas fluem como líquido, não se fixam no espaço-tempo, elas vazam, pingam, filtram-se no outro corpo e vice-versa.

Pele-corpo torna-se pele-roupa para serem partilhadas no contato. Potência de afetar, película sensível que absorve vestígios do mundo, a pele assim como a roupa é intermediária, mediadora de mundos que se interpenetram.

O corpo torna-se então passagem, se dissolvem as distâncias, forças que atravessam e se desfiguram, liquefazem, tornam-se vaporosas em meio a um caos sensível.

Os olhos aos poucos se acomodam ao volume do movimento das roupas em movimento. As formas se fluidificam e atravessam a parede invisível entre um e outro, lá e cá. Numa troca de singularidades que não se esgotam, busca-se a contaminação do outro em si.

Agora as realidades são várias, fronteiras se dissolvem e num turbilhão de sensações os corpos vazam, reabrindo a possibilidade de num desfazer pelo outro, produzir-se outro.

Os corpos desaconchegados compartilham sua memória com a saia, com a blusa, com o zíper. O vestir sopra singularidades de um momento que se

deseja constantemente significar. A roupa é desenhada e redesenhada no corpo e pelo corpo, onde formas se subvertem para criar novos sentidos dessas vivências em processo, criando aberturas às experimentações em sua maior potência, se permitindo “trocar” através da sua própria roupa e a do outro.

O cheiro, o ruído da roupa estranha. Movimento que promove outro movimento, rastros de si num corpo outro. Quando tocado por uma outra presença em seu corpo, a ausência de si transforma-se no diálogo de uma mistura que não tem mais volta.

Através das superfícies dos materiais o esvaziamento dos volumes que se tornam penetráveis e passam a esculpir o outro. As formas derramam-se, todo tipo de contorno é borrado para recriar-se em matéria fluída, tornar-se fluxo intensivo de devires.

Por vezes a sincronia entre um corpo e outro se quebra. Culpa da respiração. O cheiro, a sensação não da pele, mas da roupa-pele que é casca, é fora, e agora atravessada por intensidades infinitas, se confundem entre o dentro e o fora. A consciência corporal da experimentação adequa a roupa a partir dos movimentos sutis. Desconforto. As peças chegam sem recusas, não trocam de lugar, se acoplam e passam a pertencer ao outro e na ajeitação, tornam-se o outro.

Mas a vulnerabilidade também faz parte desse trocar. Em uma nova textura sensível, a ausência de um lugar fixo. A transparência dos corpos ressaltam o excesso de exposição de suas camadas e extratos de universos subjetivos que por consequência provocam a estranheza de si mesmo e desse corpo que o invade. Mas é impossível domesticar esse estranhamento.

Lidar com esse desconhecido que surge de todas essas misturas, está em desenvolver a capacidade de estranhar o seu próprio corpo, de se permitir sentir esse conjunto de sensações inusitadas e percebê-lo como um corpo imperfeito e inacabado, em constante processo em meio a movimentos que não findam.

Contudo é um desafio pensar o corpo em suas novas dimensões, numa nova forma de vida sem formas definidas, onde se deve sintonizar as transfigurações do corpo nessas novas conexões em fluxo. Encarar essas mutações sensíveis para então inventar novas possibilidades de trocas.

Encontrar ou reencontrar o máximo de conexões possíveis, mergulhar numa experimentação sobre si mesmo e sobre a distância que nos separa. Conquistar uma liberdade de ir e vir, numa continuidade de velocidades infinitas torna-se uma condição de possibilidade sensível de estar no mundo, de ser um devir outro de cada um.

BIBLIOGRAFIA

- > BRASS, Peter Stally. **O Casaco de Marx: roupas memória e dor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- > DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v.3. São Paulo: Editora 34, 1996.
- > DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v.4. São Paulo: Editora 34, 1997.
- > FILHO, Paulo Venâncio: A transparência misteriosa da explicação, in **Mira Schendel a forma volátil**. Centro de Artes Helio Oiticica, Editora Marca D'Água, Rio de Janeiro, 1997.
- > GUIMARÃES, Cao. **Histórias do Não Ver**. Belo Horizonte: autor, 2001
- > HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1995.
- > MESQUITA, Cristiane. **Moda Contemporânea: quatro ou cinco conexões possíveis**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.
- > SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **Corpos de Passagem**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- > PRECIOSA, Rosane. **Produção Estética: notas de roupas, sujeitos e modos de vida**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.
- > ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

PERIÓDICOS

- > **Cadernos de Subjetividade**, vol. 5 n°2 (1993): dossiê Corpo. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, EDUC, São Paulo, 1997. p 253-265.

Thais Graciotti é artista plástica com interesse nas questões do corpo, memória e a roupa como meio sensível. Stylist, atuando nas áreas editorial e publicitária. Reside em São Paulo.

Formada em Artes Plásticas e em Moda, cursou design de moda no Instituto Europeo de Design em Barcelona – Espanha. É pós-graduada em "Criação de Imagem e Styling de Moda" na Faculdade SENAC Moda/SP e mestranda em Psicologia no Núcleo de Estudos da Subjetividade Contemporânea na PUC-SP. Atualmente colabora com a Olho Imagem de Moda (www.comum.com/olho).